

# ***Sex Education* e a criação de diálogo sobre a sexualidade dos jovens**



Ana Carolina Carmona de Almeida  
Beatriz D'Angelo da Silva Hanesaka  
Carolina Silva Santos  
Helena Adloff Cardoso Pinto  
Mariana Marques Fraga de Oliveira  
Min Ho Kim  
Nathália Fragoso de Camargo  
Thais Tiemi Afuso Amaral

## **RESUMO**

O ~~presente~~ trabalho tem como proposta analisar como a série *Sex Education*, lançada em janeiro de 2019, trata abertamente sobre temas relacionados à sexualidade e, mais especificamente, a sexualidade feminina e a pressão sofrida pelos jovens para darem início à vida sexual. Observa-se que mesmo não contribuindo diretamente para geração de debates no ambiente familiar, a série tem grande aceitação por parte do público jovem e segue a nova tendência das produções midiáticas contemporâneas, nas quais assuntos polêmicos e considerados tabus ganham espaço e notoriedade. Essa constatação foi possível por meio de um questionário aplicado virtualmente para 506 pessoas. Ademais, propõe-se uma análise sobre a relação entre mídia, juventude e sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade. *Sex Education*. Juventude. Mídia.

## **1 INTRODUÇÃO**

A provedora global de entretenimento via *streaming*, Netflix, conta atualmente com mais de 130 milhões de assinantes (WAKKA, 2018). Disponível em mais de 190 países (~~NETFLIX~~, 2019), a empresa produz centenas de séries, filmes e documentários autorais, revolucionando a produção de conteúdo audiovisual. Este fenômeno se dá pois, diferentemente dos estúdios tradicionais, após a aprovação do roteiro, a etapa de adaptação do conteúdo ao estúdio, tradicional em produtoras *offline*, é inexistente, sendo o projeto colocado imediatamente em produção.

Desta forma, a liberdade de criação da plataforma permite o desenvolvimento de temáticas que possam gerar discussões e novas reflexões e que dificilmente seriam vistas nas redes abertas de entretenimento. Torna-se cada vez mais comum que as produções da Netflix abranjam temas periféricos, que tratam de assuntos que por muito tempo não tiveram espaço

de discussão ou o protagonismo necessário. Nesse contexto, alguns conteúdos aproximam-se cada vez mais dos jovens, viabilizando uma fonte de informação, ao tratar de tópicos considerados tabus como **depressão, relacionamentos abusivos, ansiedade, gênero, identidade, racismo e sexualidade**, nosso objeto de estudo.

*Sex Education* (2019), série criada pela roteirista Laurie Nunn e produzida pela Netflix, tem como protagonista o personagem Otis, um adolescente virgem com ansiedade social que é filho de uma terapeuta sexual. Ao longo da história, juntamente com Maeve-garota que estuda com ele e tem uma má fama relacionada à sexualidade-, Otis cria uma clínica clandestina de terapia sexual em sua escola, primeiramente por interesses financeiros e também para se aproximar da garota. Após alguns resultados positivos aconselhando seus colegas, o interesse também passou a ser ajudá-los a lidar com as **crecentes** situações e dificuldades enfrentadas pela **crecente** sexualidade da turma. Através da temática e da abordagem, a narrativa gera identificação com quem assiste, seja por estar passando pela mesma situação que os personagens ou já ter vivenciado experiências semelhantes. A produção, portanto, dialoga com questões relativas à resistência ao tratar de um tema construído histórica e socialmente como tabu e polêmico.

Acreditamos que a importância de discussões envolvendo a sexualidade na juventude hoje se deve, não só pela relevância que o tema apresenta como forma de posicionamento e identificação para com os adolescente em seu desenvolvimento e da dificuldade da sociedade de trabalhar os temas trazidos pela produção, mas também pelo fato de vivermos em uma sociedade que ameaça intensificar valores conservadores, já enfrentados no passado, que acabariam impossibilitando a divulgação de informações referentes a um tema considerado inapropriado para seus jovens. Assim, a série *Sex Education* (2019) foi identificada como conteúdo de resistência, por isso escolhemos trabalhar essas questões no ~~presente~~ artigo.

A pesquisa tem, portanto, como **objetivo principal** analisar os aspectos ligados à sexualidade tratados na série britânica *Sex Education* (2019), de modo a **perpassar** a relação da discussão juvenil sobre o assunto com a família. Deste modo, ao longo desta pesquisa, investigamos duas vertentes, ambas focadas em jovens de 14 a 24 anos: a pressão com relação ao início da vida sexual e a sexualidade da mulher. Analisando as ações desencadeadas na série e suas repercussões na vida real, será possível identificar os aspectos

de resistência de ambas as vertentes e ainda demonstrar os resultados de tal iniciativa e os aspectos positivos e negativos da abordagem da série.

Já como **objetivos específicos**, essa pesquisa propõe:

- Revisitar a literatura que aborda questões sobre sexualidade;
- Verificar a relação entre discussão sobre sexualidade e mídia;
- Discorrer sobre o impacto da mídia na construção e desenvolvimento do jovem em seus aspectos referentes à sexualidade;
- Verificar o nível de discussão sobre produtos audiovisuais e sobre sexualidade no ambiente familiar;
- Identificar o impacto da família na sexualidade juvenil;
- Elencar os principais tópicos pertinentes à sexualidade tratados na série;
- Entender o nível de influência da família, amigos e série na vida sexual de jovens.

## **2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA**

Para pensar questões relativas à sexualidade a partir de *Sex Education*, entendemos que é necessário compreender os conceitos básicos que a problemática envolve, sendo estes a própria noção de juventude, como esta e a sexualidade são representadas na mídia, como se dão os diálogos sobre a vida sexual e as consequências que destes fatos decorrem.

### **2.1 JUVENTUDE**

Nem sempre a Juventude foi vista como os “anos dourados” da vida (KEHL, 2007). Na verdade, houve uma época na qual o próprio conceito de “juventude” era inexistente perante a sociedade e seus costumes. Se na Grécia Antiga havia celebrações e rituais de passagem da infância para a vida adulta, é apenas com o advento da Modernidade, segundo Dantas (2018), que o período de transição entre essas duas fases da vida é verdadeiramente concretizado.

O prolongamento da infância é resultado de processos educacionais formais, surgidos com a ascensão da burguesia para **passar** valores morais, de disciplina e racionalidade de costumes às crianças. É a partir disso **que esboça-se** no século XIX as ideias de adolescência e juventude associadas a transformações físico-biológicas (CASTRO, 2004), aprofundando-se esta visão com a modernidade e a industrialização do século XX.

Segundo Sevcenko, “No contexto da expansão das comunicações, a imagem se libertou dos sentidos. A cultura se diluiu em entretenimento e publicidade. A juventude, a rebeldia, a autenticidade são traduzidas em imagens que se podem comprar e vestir.” (1998, s/p). Com isso, a juventude surge, ~~portanto,~~ como um conceito construído histórico-socialmente, a fim de se formar um perfil de consumidor para a futura Indústria Cultural. Segundo Kehl (2007), a noção de adolescência e “cultura dos jovens” começa a ser vislumbrada no início dos anos 1950, consolidando-se na década de 1960 com a expansão da cultura de massa e com ela, a valorização do *ethos* juvenil, de liberdade, hedonismo e bem estar estimulado pelo consumo. Desde então, sempre que a expressão “no meu tempo” é empregada, ele se refere aos anos dourados da vida: a juventude.

## 2.2 MÍDIA E JUVENTUDE

Com o advento deste *ethos* juvenil e a percepção de que a fase de transição para a vida adulta é aquela na qual há a formação da personalidade dos indivíduos, a sociedade busca guiar esta formação por intermédio da mídia a fim de direcionar as ações dos mesmos, servindo assim de mediadora nos interesses, valores, e desejos desses jovens adultos. Muitas vezes, portanto, é por meio dos produtos midiáticos que esses indivíduos assumem determinadas representações essenciais para a construção de suas identidades (SOUZA, 2014).

Assim, a construção de identidade se complexifica com os avanços da mídia, através do advento de novos meios de comunicação, de novas tecnologias e da globalização, sendo que esta última, devido a sua característica de bombardeamento informacional, permite, segundo Souza (2014), a ressignificação dos sujeitos e de suas identidades, já que influencia a percepção sobre a cultura e valores preestabelecidos.

Neste novo contexto social e tecnológico, a juventude passou a assumir uma nova relação com a mídia. Tanto pela necessidade dos meios de comunicação de incluir tais jovens e de saber da força de influência que possui perante eles quanto pelo fato de os jovens passarem a buscar na mídia novas formas de representação e de identificação que fujam dos padrões do senso comum, satisfazendo os seus anseios, desde o que se refere ao campo visual, aos gostos, até a atitudes tomadas em determinadas circunstâncias.

Durante muito tempo a mídia deteve-se em representar a juventude de forma estereotipada e preconceituosa, transmitindo para os jovens os valores considerados como “corretos” àquela época. Os programas televisivos, a exemplo de *Malhação*, reiteram uma visão dos jovens como reduzidos a sexo, escola e relações conflitantes, sejam estas amorosas ou familiares, como afirma Fischer (2005), ao mesmo passo que se colocam como meios didático-pedagógicos.

Seguindo Zizek, Bauman, Hannah Arendt, Foucault, entendemos que é possível criar nas escolas situações as mais variadas de problematizar o que nos acontece neste presente, a partir de trabalhos que tenham como ponto de partida a mídia e suas construções imaginárias sobre vida privada, vida pública, modos de ser adolescente, jovem, homem, mulher neste Brasil do século XXI. (FISCHER, 2005, p.55)

Fischer (2005, p.55) ainda diz que “é preciso oferecer e criar alternativas para a interpretação dos fatos, para as narrativas que nos são oferecidas diariamente pelos meios de comunicação”, e essas alternativas, ainda segundo a autora, seriam, principalmente, realizados na escola e em debate com familiares.

## 2.3 MÍDIA E SEXUALIDADE

Miguel e Toneli (2007), em sua busca de produções acadêmicas referentes às relações entre adolescência, sexualidade e mídia, e que fizessem uma correlação entre estes três fatores, encontraram uma **ampla escassez de referências sobre a temática**, de forma que a mídia é abordada em apenas 0,11% dos estudos que abordam as outras duas temáticas. Dentre as pontos trabalhados, a influência da mídia na sexualidade do adolescente, seu papel como veiculadora de informação sobre sexualidade e como os adolescentes se utilizam desta comunicação, são os principais pontos abordados pelos pesquisadores.

Se, por um lado, estes autores vêem a família como a responsável pela educação

sexual do jovem, para Sylvia Rabello (2012), é na escola que os sujeitos recebem as maiores influências, tanto devido ao debate promovido pela instituição quanto por estratégias que problematizam mitos, tabus e padrões. Contudo, ao posicionarmos o jovem em sociedade, além da escola e da família, as mídias, a exemplo das revistas juvenis, “atuam nas representações que os adolescentes têm sobre sexualidade e gênero, veiculando, com insistência, discursos erotizados e heteronormativos” (RABELLO; CALDEIRA; TEIXEIRA, 2012, p. 73), o que acaba por marcar o desenvolvimento sexual dos adolescentes.

Pautado em estereótipos de gênero, a partir de uma visão binária e estanque dos modos de ser homem e de ser mulher,

o erotismo transmitido pela televisão, pela publicidade ou pelo cinema é carregado de apelos sexuais, atua de forma impositiva. A sexualidade aí não é um ato em que existe a troca, a comunicação, o atuar e participar junto. Os meios de comunicação, ao contrário, apresentam um modo já ritualizado e codificado de prazer. (FILHO, 1986, p. 31).

“A imagem nos constitui, nos constrói, educa nosso olhar, nossas formas de ver e de pensar” (FERRARI, 2010, p.177) de forma que a mídia, arraigada principalmente por um ideal capitalista, constitui uma objetificação da sexualidade, de forma que esta é apenas a satisfação narcisista do desejo como vemos em: “Sua marca distintiva é a utilização e o descarte do corpo do outro, sem maiores conseqüências”. (FILHO, 1986, p. 36).

A série *Sex Education* (2019), um produto da mídia que traz um olhar dessa sexualidade diferente do usual, sem uma excessiva caracterização erótica das personagens femininas e uma desumanização dos personagens masculinos- implicando a incapacidade de possuírem sentimentos-, a série não objetifica a sexualidade como algo descartável e sim provê informações sobre como torná-la mais saudável.

## 2.4 DIÁLOGO SOBRE VIDA SEXUAL

Afastar assuntos sexuais dos mais jovens é algo recente, uma vez que não mais do que alguns séculos atrás, as crianças já eram tratadas com muita liberdade, como podia ser percebido pela “grosseria das brincadeiras e da indecência dos gestos cuja publicidade não chocava ninguém e que, ao contrário, parecia perfeitamente normal” (ARIÈS, 2006, p. 75). Com a sociedade moderna e a separação do mundo adulto e infantil, há uma exigência de que

“os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais” (ARIÈS, 2006, p. 75).

Tal construção afastada de diálogo sobre a vida sexual com a juventude culmina, hoje, em uma visão da sexualidade enviesada por tabus e mistérios, que acabam por gerar uma desinformação. Isso é um “índice de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes” (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006, p. 209), uma vez que há uma necessidade de informação e estabelecimento de ações que promovam saúde sexual antes do início das práticas sexuais pelos jovens (BORGES, 2007).

A falta de comunicação se dá em diversos campos mas se apresenta de forma mais expressiva no contexto familiar, que muitas vezes atribui este encargo para a escola e/ou serviços de saúde (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006). Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004), isso se expressa com muita clareza no Brasil, pois ~~que~~ um terço dos pais não falam sobre sexo com seus filhos adolescentes e parte deles preferiria que a escola também não tratasse de tal assunto.

A atuação da escola na construção de um diálogo realista, interessante e informativo também é falha, pois trata os assuntos referente a vida sexual quase exclusivamente de forma puramente biológica em aulas de ciências, tendo-se um conteúdo muitas vezes monótono, desinteressante e que se foca em uma superficialidade. “As palestras, enquanto atividades planejadas ou trabalhos isolados, tornam-se alvo de críticas pela falta de continuidade e monotonia que impõem aos alunos” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 105).

Essa falta de um diálogo saudável sobre a vida sexual entre a família e a escola para com adolescentes e jovens acaba por levá-los a discutir a vida sexual com outros adolescentes, muitas vezes tão mal informados, imaturos ou inexperiente, o que contribui para práticas sexuais de forma insegura (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

## 2.5 INFLUÊNCIAS NO INÍCIO DA SEXUALIDADE

A sexualidade permeia a vida do indivíduo desde seu nascimento até a morte, obedecendo um ritmo próprio de desenvolvimento e sendo guiado por parâmetros culturais, biológicos e sociais (GOMES, 2002). Ela é potencializada e experienciada a partir da

adolescência, fase em que se começa a conhecer o próprio corpo e o corpo do outro e tem-se grandes transformações em níveis psicológicos, fisiológicos, sociais e familiares, estimulando a procura pela identidade e a descoberta da sexualidade. (REIS; RAMIRES; MATOS, 2012)

Esta “[...] se destaca como campo em que [...] a busca por autonomia de projetos e práticas é exercida de forma singular e com urgência própria de uma geração jovem.” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 68), pois a efetivação da vida sexual foi por muito tempo, e continua a ser, encarada como marco para a maturidade e a vida adulta. Este marco, que culturalmente tenta-se afastar do jovem, vem sendo ultrapassado cada vez mais cedo pelos adolescentes, variando entre 13 e 14 anos para o sexo masculino e 15 e 16 para o feminino (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004) o que, sem um direcionamento e um conhecimento sobre consequências físicas e psicológicas da vida sexual ativa, acaba desenvolvendo uma sexualidade falha e incompleta (GOMES, 2002), guiada por pressões externas e levando à realização de ações sem vontade.

Com o despertar da sexualidade, surge a necessidade de desenvolver responsabilidade e a sensibilização dos jovens para a vivência de uma sexualidade saudável. Sem dúvida que o esclarecimento, a informação e a formação do adolescente são fundamentais para que este possa viver de modo mais saudável possível, nomeadamente no que envolve sua sexualidade. (REIS; RAMIRES; MATOS, 2012, p. 248)

Assim, faz-se necessário a implementação de uma forma acessível e confiável de educação sexual, pois à luz do esclarecimento e da informação, tem-se capacidade de gerar uma sensibilização e responsabilidade nos jovens a respeito da saúde psicológica e física no que diz respeito a vida sexual.

Essa apresentação pertinente ao início da vida sexual ativa e suas diversas influências positivas e negativas poderia ser implementada de diversas formas, incluindo em veículos midiáticos, que, apesar da crença de que a mesma estimula o instinto sexual, principalmente com a excessiva erotização da ideia de “descarte do corpo”, como trazido por Filho (1986), ou até mesmo leva os jovens a pular etapas de desenvolvimento e que “se esqueçam de valores sociais e religiosos” (GOMES, p.8), a mídia pode ser uma forma de apresentar as questões que influem sobre a vida sexual, a exemplo de seu tratamento na série *Sex Education* (2019), que apresenta diversas perspectivas e vivências deste momento, narrando os fatores externos que detém relação com o início da vida sexual. Tais fatores que são determinados por um conjunto de elementos complexos, como idade, cor/raça, gênero,

religião, escolaridade, nível de relação, comunicação e supervisão dos pais e familiares (BORGES, 2007), além de contextos políticos, econômicos e tecnológicos (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Com isso, há uma representação da estreita relação dos comportamentos sexuais com os contextos pessoais, familiares e sociais, já que “O modo como os jovens interagem e se relacionam sexualmente resulta dos modelos de comportamento e atitudes vigentes nos contextos familiar e social” (REIS; RAMIRES; MATOS, 2012, p. 250). Assim, tem-se como principais as influências dos pares e dos contextos familiares.

### 2.5.1 Influência dos pares na iniciação sexual

Considerando-se que, na falta do aconselhamento familiar e escolar, há uma procura de informações sobre a sexualidade entre os próprios jovens, além da existente necessidade de aceitação entre os pares dentro de um grupo, é determinante a influência destes e dos ambientes em que convivem para iniciar a vida sexual ou adiá-la, pois “a iniciação sexual pode ser estimulada, entre outros, em razão da difusão de um modelo de comportamento sexual ditado pelos pares que, por sua vez, também estão sujeitos à normas sociais que modelam condutas sexuais”. (BORGES, 2007, p. 783).

A exemplo desta necessidade de aceitação e pertencimento, temos a fala da personagem Lily, no décimo episódio da série:

“Eu não sei. Acho que eu sinto que, se eu não fizer, vou me formar sem ter transado, então irei para a faculdade e estarei atrás de todos, e ninguém vai transar comigo porque serei a virgem estranha. E jamais transarei, porque serei encabalada, estranha e virgem. [...] Eu só não quero ficar para trás. Quero dar um fim nisso.” (SEX EDUCATION, 2019, cap. 11)

Até então, a impressão que se tem da personagem é de uma adolescente que quer desesperadamente perder sua virgindade. Mas até este momento da narrativa, não havia sido explicitado o motivo que a levava a ter tanta urgência no assunto. Ela não queria ficar “atrás” das mesmas pessoas de sua idade, sentindo-se, portanto, excluída.

Quando consideramos a sujeição da juventude a normas sociais que modelam suas condutas sexuais, observa-se que os jovens têm uma tendência maior a iniciar a sua vida sexual se os seus pares já a iniciaram, colocando-se como determinante uma idade - até os 17 anos - para a primeira relação (BORGES, 2007). Esta situação é mostrada já no primeiro

episódio da série, quando o personagem Eric diz a seguinte frase para Otis, o protagonista: “Estou falando, cara, todos transaram no verão. Todos menos você [...] Estou preocupado com você, cara. Olhe ao redor. Todos estão pensando em transar, prestes a transar ou transando. E você nem consegue bater uma” (*SEX EDUCATION*, 2019, cap.1). A cena só reforça o constrangimento de Otis por não se sentir à vontade para se masturbar e ter relações com alguém, levando seu amigo Eric a achá-lo estranho por isso.

Tem-se, também, questões de status envolvidas no início da vida sexual, pois, ao mesmo tempo que há uma procura pela sexualidade de forma a ter-se prestígio entre os amigos e colegas, uma maior veiculação deste acontecimento entre os próprios jovens pode gerar uma reputação negativa e um preterimento para relações futuras (CASTRO, 2004).

Contudo, essa construção de prestígio é amplamente baseada em questões de gênero, pois as normas colocadas para as condutas sociais são diferentes entre homens e mulheres, por conta de uma ideologia que acredita que aqueles “podem lidar diferente com os apelos do libido” (CASTRO, 2004, p.74). Para os adolescentes homens, o início da sexualidade é uma forma de afirmação da masculinidade, o que os torna mais suscetíveis a pressões para estabelecer relações sexuais, já que entre eles há maior tendência para ficar com pessoas sem vontade ou começar a ter relações antes de se sentirem prontos, pois a recusa pode interferir nos relacionamentos com outros jovens e em sua honra como homens, uma vez que a consolidação da masculinidade somente pode ser alcançada com uma vida sexual ativa. (BORGES, 2007).

Porém, a iniciação sexual das jovens do sexo feminino é vista de forma negativa, pois a ausência de experiência é encarada como virtude, criando-se um controle do corpo feminino ao atribuir-se valor ao hímen, que “faz parte da construção cultural do feminino, sustentando e justificando comportamentos e discriminações” (CASTRO, 2004, p. 83). Com isso, tem-se a construção do “ideal da primeira relação”, no qual esta deve ocorrer dentro de um relacionamento amoroso escolhido, não se tratando de uma postura de valorização da primeira relação sexual, mas de cuidado no momento para que este não se torne público e gere uma reputação negativa, preocupação maior para mulheres, que seriam obrigadas a esperar o momento correto.

No primeiro episódio da série há a apresentação de Maeve, uma menina que é considerada como uma “vadia” por supostamente ter feito sexo oral em mais de 12 meninos

em dez minutos e mordido o saco escrotal do Simon Furthassle. No quinto episódio Maeve conta a Otis o motivo desse boato:

Sabe há quanto tempo me chamam de morde-pau? Quatro anos. Pessoas que não conheço falam isso na minha cara. Mordi o saco do Simon Furthassle. Transei com quatro caras ao mesmo tempo. Transei com o meu primo. Te bato uma punheta por cinco libras. Sabe como começou? Simon quis me beijar no aniversário de 14 anos da Claire Tyler. Eu recusei. Ele espalhou que fiz um boquete e mordi o pau dele. E foi isso. Esse tipo de coisa fica. E machuca, e ninguém merece passar por isso. (*SEX EDUCATION*, 2019, cap. 5)

Este é um exemplo de como os jovens, principalmente os meninos, tornam público detalhes referentes às suas relações sexuais e a presença do machismo no que diz respeito ao início destas. Com isso, ainda vemos acontecer com frequência o fato de meninas terem sua reputação “manchada” por conta de boatos que muitas vezes são falsos. Estes não afetam os meninos, enquanto, como visto na série, as jovens do sexo feminino como Maeve sofrem por anos por coisas que ou não deveriam ser repercutidas, ou nem sequer aconteceram.

### 2.5.2 Influência do ambiente familiar na iniciação sexual

A visão de espera pelo momento certo para a primeira relação é reafirmada pelos pais, que deixaram de ver a perda da virgindade como “motivo de luto, pois ela é possível desde que haja amor” (CASTRO, 2004, p.84) e passam a apoiar a autonomia de seus filhos adolescentes, dando liberdade para o controle e uso de seu corpo, apesar de ainda terem uma postura pró-*virgindade* com relação aos seus filhos.

Esse desejo de afastar a atividade sexual dos jovens gera uma falta de diálogo no ambiente familiar, pois há uma crença de que a própria discussão sobre sexualidade poderia influenciar para que esta ocorra de forma precoce (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006), e quando se dá uma conversa sobre o tema, é como forma de proibição e desinformação. Contudo, não somente os diálogos familiares (ou a falta destes) têm influência sobre a sexualidade do jovem, mas também seu ambiente familiar e os exemplos extraídos deste, já que “normas e modos de vida são compartilhados, transmitidos e apreendidos por pessoas pertencentes à uma determinada cultura” (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006, p. 410).

No contexto de *Sex Education* (2019), podemos citar o caso de Adam Groff: o rapaz é filho do diretor da escola e pertence a uma família muito conservadora. Sendo assim, o rapaz,

que é o *bad boy* da escola, tem dificuldade para se encaixar nos padrões impostos especialmente pelo pai e isso traz constantes conflitos entre os dois.

Além desse relacionamento conturbado, ainda há o fato do jovem ter um relacionamento em que é sexualmente infeliz. A série começa mostrando o ato sexual de Adam com sua namorada Aimee e nele, o jovem não aparenta estar tendo prazer algum. É mostrado posteriormente que isto tem causas psicológicas, por conta de boatos espalhados sobre seu órgão genital e principalmente pelas grandes expectativas e os altos padrões que são colocados pelos seus familiares, e de forma a superar isto, ele se expõe em frente a toda a escola, mostrando o seu pênis. Esse acontecimento acaba sendo um desbloqueio e forma de libertação sobre os boatos e as expectativas de seus pais, e com isso, Adam deixa de auto-reprimir e finalmente passa a sentir prazer durante as relações e se conhecer mais.

Assim, os jovens são suscetíveis a diálogos dos quais participam e a exemplos que recebem, contudo, não há garantia que as informações que obtêm no ambiente familiar sejam válidas ou verídicas, pois o nível informativo dos pais influi diretamente na comunicação sobre o assunto, e os temas sobre sexualidade são muito baseadas em mitos, convicções errôneas e preceitos anacrônicos, guardando a essência de gerações anteriores (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

A vivência da sexualidade baseada em convicções errôneas, idéias falsas e escrúpulos sem fundamento positivo desencadearam conseqüências irreversíveis, como a gravidez precoce, e favoreceram condições de risco para a adolescente contrair DST. Isso, sem mencionar danos de ordem psicológica (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006, p. 412)

No sexto episódio da série, Otis, ainda criança, acidentalmente vê seu pai tendo relações sexuais com uma paciente e questiona sua mãe, Gillian, sobre o porquê do pai estar pelado com outra mulher no escritório e obtém como resposta: “Sabe o que é sexo, Otis? Sexo é quando o homem coloca o pênis dentro da vagina da mulher. Pode doer. Sexo pode ser maravilhoso, mas também pode causar uma dor imensa. E se não tomar cuidado... sexo pode arruinar vidas” (*SEX EDUCATION*, 2019, cap. 6). Com isso, a mãe fala sobre sexo para um garoto que ainda não tinha maturidade para receber informação desta natureza e principalmente de uma maneira que relevasse os aspectos e as conseqüências negativas do ato sexual. Isso acaba por causar um trauma severo em Otis, que tem muita dificuldade em iniciar a sua vida sexual, o que também se dá pelo fato do jovem presenciar o divórcio dos

pais em decorrência deste acontecimento, gerando uma possível associação do sexo com essa fase difícil em sua vida.

Por ser psicóloga e estar acostumada a influenciar na vida de seus pacientes, a mãe do protagonista o trata como um deles e se intromete na sua vida sexual, perguntando detalhes e considerando esta, a melhor maneira de ajudar seu filho. Ao perceber que sua abordagem era contraproducente e que Otis não estava começando sua vida sexual apesar de sua insistência, Gillian usa os detalhes das vivências do garoto para escrever um livro sobre a vida sexual de jovens disfuncionais. Ao descobrir este fato, no oitavo episódio, o filho se posiciona contra sua mãe:

Você é uma hipócrita! Diz que é a favor da sinceridade e comunicação clara, mas não é nada sincera. Você se intromete em tudo que eu faço, e age como se fosse sem querer. Você ultrapassa milhares de limites parentais diariamente. Você é uma... mulher muito sorrateira! Como o livro está indo? [...] Achei que finalmente estava me ouvindo, e me deixando ser independente, mas você não consegue se conter. É como se quisesse me consumir. É uma mãe-aranha que come as próprias crias. (*SEX EDUCATION*, 2019, cap. 8)

Esta fala de Otis demonstra que sua mãe, mesmo sendo uma terapeuta sexual, não soube conversar de forma adequada e construtiva com o seu filho, gerando um grande problema para o garoto, que se sente exposto e, conseqüentemente, ainda mais acanhado em estabelecer um diálogo claro sobre a sexualidade com a mãe.

Assim, o diálogo despreparado e baseado em ideais equivocados e anacrônicos, tanto entre os próprios jovens quanto no ambiente familiar pode gerar danos à saúde do adolescente que está iniciando sua vida sexual, pois influências externas têm um papel decisivo sobre o momento em que essas relações se darão, o nível de preparo físico e psicológico dos adolescentes e a preocupação com a saúde, podendo gerar contextos tanto de aceitação e compreensão de necessidades e conseqüências de uma vida sexual, quanto de descuido, pressa e repressão da mesma.

## 2.6 SEXUALIDADE FEMININA

Durante muito tempo o sexo era apenas associado à reprodução, entretanto esse cenário foi alterando-se ao longo do tempo e hoje compreende-se dentro da sexualidade diversos outros fatores além do biológico, considerando-se a subjetividade dos indivíduos. Segundo Trindade e Ferreira (2008), a sexualidade se refere ao ser humano como um todo,

não apenas à genitália, mas a diversas outras dimensões do ser humano, como o psicológico, o social, o emocional e o cultural.

Apesar do aumento da preocupação com o indivíduo e com a sua subjetividade, as mulheres, diferente dos homens, ainda enfrentam diversas barreiras ao lidar com sua própria sexualidade devido **uma série** de preconceitos e tabus presentes na sociedade. As mulheres sofrem **uma série** de pressões e contenções sobre a sua vida sexual, entretanto, como afirma Vieira (1997), a sociedade não deixa esse fato explícito, propagando um discurso de liberdade e autonomia dessas mulheres, de forma a mascarar o que realmente ocorre.

Desde cedo as mulheres são educadas pela sociedade a reprimir as suas vontades sexuais e a serem submissas aos homens, perpetuando o machismo e o paternalismo na sociedade.

[...] a mulher, quando criança, deve ter bons modos e controle sobre sua vontade. Na adolescência, não é preparada para a vida, mas sim para negar o prazer, cheio de culpa, censura e medo. Nesta fase, as questões sobre sexo geram constrangimentos e são respondidas de maneira incompleta, quando são ignoradas. Se ela deseja algo mais, lhe vem inconsciente ou consciente a idéia de que não é certo” (GOZZO et al, 2000, p.84, apud, DIAMANTINO et al, 1993, p. 1017).

Devido às diversas pressões vivenciadas pelas mulheres ao longo da vida, a sua saúde sexual é fortemente comprometida, visto que muitas mulheres, devido ao fato de não possuírem informações suficientes sobre essa área, abrem mão do seu bem-estar e do prazer.

Não importa o quanto varie na forma, o discurso que revela as interdições a respeito da sexualidade foi repetitivo, incisivo e radical desde a infância, objetivando dissociar sexo de prazer. Ao atrelá-lo a obrigação e desqualificação, a cultura incentiva os papéis excludentes de sexo na área mais íntima dos seres humanos, contribuindo para a perda do erotismo feminino, a pobreza das relações e a insatisfação existencial (VIEIRA, 1997, p. 77, apud, FACIO, 1989).

Como consequência da pressão da sociedade machista sobre a submissão e passividade das mulheres nas suas sexualidades, estas acabam seguindo as **‘regras’** determinadas como de boas condutas que circulam na cultura.

A fim de exercer o domínio e controle sobre a sexualidade das mulheres, a sociedade utiliza estratégias como a produção de um saber ao qual as pessoas devem se adequar. É um saber que diz o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, a respeito do sexo e da sexualidade. Este saber está a serviço do poder patriarcal (VIEIRA, 1997, p.78, **apud**, FOUCAULT, 1985; REICH; ALZON, s. d.).

Deste modo, a sociedade reproduz e reverbera um padrão de comportamento feminino ideal em diversas instituições sociais, incluindo as escolas, as religiões e nos meios de comunicação.

Ainda hoje, o que se vê em geral como assuntos para mulher são: culinária, moda, sexo (sempre com foco no prazer do homem), conciliação entre trabalho, tarefas domésticas e cuidado com os filhos, maternidade e beleza (em um padrão pré-definido e sempre a partir de um olhar do homem). *Marie Claire, Vogue, Capricho, Atrevida, Máxima, Nova, Elle*, entre tantas outras revistas, mesmo ao falar para mulheres de classe econômica, nível de escolaridade e capital cultural variados, parecem tratar sempre de uma mesma mulher, “pretend[endo] a homogeneização da condição feminina e a recuperação da imagem da ‘verdadeira mulher’ feita para o amor, a maternidade, a sedução, a complementação do homem, costela de Adão reinventada” (SWAIN, 2001, p.20). Deste modo, a sexualidade feminina sempre fica em último plano, é pouco tratada e, quando abordada, é sempre superficial.

Analisando a ideia da sexualidade feminina como concepção social, pode-se dizer que a mídia exerce um papel importante na disseminação de valores culturais e sociais tidos como corretos, afinal ela está presente em todo lugar, influenciando o olhar das pessoas, ditando tendências, moldando costumes e mediando a comunicação. Deste modo, analisar produções midiáticas é de total relevância, pois envolve direta ou indiretamente a forma como tratamos e compreendemos determinados assuntos. Assim, a partir do momento em que conhecemos as raízes históricas, o espaço que nos cerca, a realidade na qual estamos inseridos, tornamo-nos aptos a questionar as imposições patriarcais e machistas da sociedade e, conseqüentemente, a exigir conteúdos mais diversos e que rompam o silêncio de assuntos tidos como polêmicos. Citamos, portanto, *Sex Education* (2019) porque, que além de tratar de temas não usuais, abre portas para um “novo feminino” ao considerar as subjetividades e realidades das mulheres diante de dilemas sexuais.

Defronte a esse cenário, é possível fazer uma análise mais detalhada sobre a masturbação feminina e o aborto, ambos tratados em *Sex Education* (2019) e que, mesmo adentrando cada vez mais em debates, permanecem entre os assuntos mais considerados como tabus no que diz respeito à sexualidade feminina.

### 2.6.1 Masturbação feminina

A nível histórico, a sexualidade feminina sempre foi mais restrita do que a sexualidade do homem, por conta de contextos culturais, históricos, morais e religiosos. Para a Igreja, o sexo era apenas para a reprodução e qualquer busca por prazer era considerado pecado, até mesmo dentro do casamento.

O cristianismo é severo com a mulher, a começar pela interpretação do Antigo Testamento: Eva é origem do pecado, dos sofrimentos e de todos os males; a mulher e o prazer são considerados instrumentos do diabo, destinados a afastar o homem de Deus. (MULLER, 2009, p 175).

Além disso, considerando a percepção histórica de que as mulheres são não apenas como inferiores aos homens, mas também submissas a eles, a sexualidade feminina fica restrita a satisfazer o seu marido, devendo se submeter com passividade no ato sexual, já que cabe ao homem assumir a posição ativa (MULLER, 2009). Não existe em qualquer momento a possibilidade de a mulher buscar o seu prazer, logo a masturbação feminina é colocada como algo absolutamente condenável.

Assim, com o discurso religioso perdendo um pouco do seu poder e influência, e a ciência trazendo cada vez mais descobertas quanto a natureza saudável da prática masturbatória na mulher, a masturbação feminina começou a ser encarada, a nível social, como algo implícito e inerente à sexualidade da mulher (CUNHA, 2008). Entretanto, no cotidiano, de modo geral, as pessoas continuam a ter pudor em falar sobre isso e parte das mulheres sente medo, receio, vergonha ou nojo de se tocar, prática que ainda se configura como um grande tabu.

Por não haver diálogo sobre o tema, a masturbação feminina, na maioria dos casos, não é ensinada por ninguém, sendo algo totalmente instintivo, segundo Hite (1992 *apud* Brêtas *et al.*, 2011). Também por ser quase sempre praticada no isolamento, a masturbação se caracteriza como uma ação quase que biologicamente pura. Mesmo assim, por conta de todos os bloqueios existentes provenientes de uma herança histórica, existe uma falta de conhecimento das mulheres com relação às capacidades de desfrutar do seu próprio corpo - enquanto, segundo Costa (2013), por ter um aparelho genital mais complexo, a mulher deveria, na verdade, estar mais familiarizada para vivenciar a plenitude sexual.

No sexto episódio de *Sex Education* (2019), podemos citar o caso de Aimee, que sempre buscou fazer o que achava que seu parceiro gostaria no sexo, despreocupada com o seu prazer, inclusive fingindo orgasmos. Com o questionamento de seu novo namorado sobre

os gostos da menina no sexo, ela vai pedir ajuda a Otis, de forma a tentar compreender o que quer, pois a indagação sobre o que gostava no ato sexual nunca lhe havia sido feita. O protagonista, assim, a aconselha a se masturbar para identificar suas preferências, o que, inicialmente, gera uma reação de nojo na jovem, respondida por Otis com a explicação de que as mulheres tendem a se sentir mais culpadas com a masturbação do que os homens, mas que a prática não deveria ser vista como algo sujo ou errado.

Com a aceitação da “prescrição” pela personagem, há a exploração de diferentes formas de obter prazer sozinha, por meio da masturbação, levando-a a aparentar satisfação e finalmente compreender suas preferências, chegando a, até se masturbar a exaustão.

## 2.6.2 Aborto

A prática do aborto não é recente, pelo contrário. Desde os tempos antigos as mulheres que não desejam levar a gravidez à frente, são submetidas ou recorrem a interrupção voluntária da gravidez, ainda que legislações contra a prática do aborto também tenham surgido ao longo da história (FÉLIX, 2018). Mais do que questões legais éticas, morais e religiosas, até hoje o tema levanta questões sociais, políticas e econômicas, e raízes históricas que reforçam o não pertencimento à mulher de seu próprio corpo e decorrentes decisões sobre si mesma.

No Brasil, de acordo com os termos dos artigos 124 a 128 do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940), o aborto é proibido por lei e criminalizado. Entretanto, devido à ilegalidade, a maioria dos abortos segue acontecendo de forma clandestina - o que impacta de forma significativa a saúde pública ao oferecer risco para a saúde e vida das mulheres, levadas a recorrer ao método criminalizado. Além disso, deve ser considerado que a frequência de mulheres recorrendo ao aborto clandestino é maior entre mulheres de classe socioeconômica e escolaridade mais baixas.

Falta de informação, precariedade no atendimento, recusa de profissionais de saúde em realizar o procedimento e dificuldade das vítimas de estupro em denunciar o crime são os motivos mais citados dentre as dificuldades das mulheres para recorrer ao aborto, mesmo quando esse direito lhes é garantido legalmente pelo Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940) - casos de risco de vida da gestante ou gravidez resultante de estupro.

Dados da Pesquisa Nacional de Aborto, realizada pela Universidade de Brasília e o Instituto de Bioética Anís, mostram que, no Brasil, uma em cada cinco mulheres de até 40 anos já recorreu ao aborto (TANAKA, 2018), legalmente ou não. E, de acordo com dados do Ministério da Saúde, nos últimos anos não houve variações significativas nos registros legais de aborto: os últimos dados apurados mostram que em 2017 foram realizados 1.636 abortos legais (FERNANDES, 2018).

O aborto, assunto tabu que até então era evitado e pouco se falava, recentemente tem ganhado espaço para discussão nas redes sociais, sendo também pauta das mulheres em manifestações e também em produções audiovisuais recentes, que buscam gerar diálogo sobre esse assunto, como é o caso do objeto desta pesquisa, a série *Sex Education* (2019).

Nela, o aborto é representado em seu terceiro episódio, no qual Maeve, ao engravidar de um garoto com quem teve alguns encontros, vai realizar um procedimento abortivo. Este, por a série retratar um país em que tal prática é legalizada, é feito com estrutura, higiene e acompanhamento especializado. Assim, o episódio foca nas questões internas da personagem com relação à esse fato, mostrando que, apesar de ter sido uma decisão consciente, ainda é um procedimento difícil e delicado, afetando a mulher física e psicologicamente.

Com relação ao tema, a narrativa ainda apresenta um contraponto de jovens religiosos em frente a clínica onde o procedimento é realizado. Estes seguram cartazes de represália as mulheres que decidem fazer o aborto e apresentando argumentos de que “aborto é assassinato” (SEX EDUCATION, 2019, cap. 3) e que Deus é contra isto, mostrando, assim a postura conservadora baseada em preceitos religiosos, que condena a realização de procedimentos abortivos, independente da decisão da mulher ou de suas condições financeiras, psicológicas, entre outras, para gerar e criar um filho.

### **3 HIPÓTESES**

#### **3.1 PRINCIPAL**

Apesar de a série *Sex Education* (2019) tratar de temas referentes a relações sexuais de forma acessível, aberta e relevante, ela não se apresenta como uma contribuição para a geração de diálogo no ambiente familiar. Isso se dá, principalmente, devido a um afastamento natural que os jovens têm na adolescência para com seus pais, no que tange a assuntos e

conversas relacionados à vida sexual. Apesar de tratar bem temas pertinentes ao início da sexualidade e a sexualidade feminina, esse cenário não sofreria grandes alterações apenas com o advento da série, mas sim por meio de uma transformação social do tema, deixando este de ser tratado como tabu; além disso, a falta de diálogo ocorre também pelo fato da plataforma Netflix incentivar que os usuários assistam seus conteúdos individualmente, devido à sua adaptabilidade com aparelhos *mobile*.

### 3.2 ESPECÍFICAS

A série *Sex Education* (2019) demonstra como a convivência com os amigos e as relações familiares podem influenciar negativamente o início da vida sexual dos jovens.

A série *Sex Education* (2019) trata de forma adequada questões pertinentes à sexualidade da mulher e fomenta discussões congruentes sobre o assunto entre jovens.

## 4 METODOLOGIA

Para investigarmos o objetivo geral da pesquisa, ou seja, para analisarmos a abordagem de assuntos ligados à sexualidade na série britânica *Sex Education* (2019), de modo a perpassar a relação da discussão juvenil sobre o assunto em ambiente familiar, desenvolvemos uma metodologia baseada em dois parâmetros de investigação: uma revisão bibliográfica sobre o tema e um disparo seguido de análise de um questionário, que abordava tanto tópicos quantitativos sobre o alcance e adesão da série entre os jovens, quanto qualitativos, a respeito de seu êxito ou não como fonte informacional e influência na vida dos entrevistados.

## 5 PESQUISA EMPÍRICA

### 5.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO GERAL

O questionário desenvolvido pelo grupo, criado na plataforma “Formulários do Google”, e projetado para receber respostas anonimamente, foi liberado no dia 8 de junho e

divulgado nas linhas do tempo do Facebook dos autores da pesquisa, em “*Shares*”, grupos privados, apenas para mulheres, que buscam se configurar como ambientes livres na rede social, para a discussão de questões femininas como a união e o empoderamento e, por fim, em grupos de WhatsApp. Foram formuladas 17 perguntas, divididas em seções referentes à identificação do entrevistado (gênero e faixa etária) e se o mesmo havia assistido à série, sendo que as duas seções seguintes foram compostas por questões voltadas às hipóteses específicas, sobre o início da vida sexual e sexualidade feminina. Além disso, vale ressaltar que havia perguntas abertas, para que os entrevistados pudessem interagir com a pesquisa e expressar suas opiniões com suas próprias palavras; perguntas objetivas, tanto as que somente uma resposta poderia ser assinalada, como outras de múltipla escolha e por fim, algumas com métricas de 1 a 5, para que as respostas informassem o quanto consideravam ou não certas questões pertinentes e relevantes.

O questionário foi respondido por um total de 506 pessoas em 24 horas. A faixa etária dos participantes teve a seguinte distribuição: 75,1% maiores de 18 anos, 24,5% entre 14 e 18 anos e apenas 0,04% menores de 14 anos. Quanto ao sexo, 77,3% se identificava como gênero feminino, 21,5% masculino e 1,4% outros. Por fim, 398 pessoas (78,7% da amostra) haviam assistido à série. Levando em consideração que o questionário foi realizado de forma on-line, a partir das timelines dos autores, que são majoritariamente do sexo feminino e divulgados em “*Shares*” voltados apenas a este mesmo grupo, não surpreende que a maioria das respostas tenha partido de jovens adultos/adolescentes que se identificam com o gênero feminino. As faixas etárias predominantes correspondem ao público alvo original da série.

Das 506 respostas, no questionamento sobre com quem discutem sobre a temática das relações sexuais, pergunta tal que aceitava mais de uma resposta, 465 (91,9%) afirmam que discutem sobre a temática das relações sexuais com os amigos, grupos na internet (30,6%) e a família (28,5%) às respectivas respostas mais assinaladas. Tal dado demonstra que, por mais que ainda haja valor significativo de interações com familiares e grupos on-line, a vergonha e os tabus intrínsecos aos jovens no que diz respeito à discussão sobre sexualidade com seus pais, intensifica um contato e discussões mais intensas com pessoas mais próximas, com as quais dispõe mais intimidade e que estão vivenciando situações semelhantes.

Nas questões seguintes, que não apresentavam obrigatoriedade (já que alguns entrevistados poderiam não ter assistido à série), quando perguntados sobre a nota que agregam para a série quanto a abordagem sobre questões sexuais 259 pessoas, de 425 respostas (60,9%), a classificam com a nota 5/5. Além disso, 343 pessoas (79,2%), das 433 que responderam com quem discutiram a série, afirmaram que o fizeram com amigos, sendo seguidos de pessoas que não discutiram com ninguém (17,1%) e aquelas que o fizeram com familiares (15,7%). Analisando tal dado, podemos afirmar que, por mais que o conteúdo da série tenha se desenvolvido de forma simples e leve, mais de dois terços dos entrevistados acredita que, até mesmo temas mais sérios e densos, foram tratados de forma pertinente. A série mostra a sua relevância pelo fato de que gerou discussão fora da plataforma, principalmente com amigos, dado já muito relevante e até mesmo com familiares, mesmo que em grau menor, pode ter sido um facilitador de tais assuntos e discussões.

Quanto à percepção da qualidade do conteúdo desenvolvido pela série, o mesmo pode ser entendido como muito positivo, já que 344 de 435 respostas (79,1%) afirmam que ela pode servir como instrumento de educação sexual, da mesma forma que 244 de 437 respostas (55,8%) gostariam de ter tido contato com a série antes de ter iniciado sua vida sexual, entendendo-se que a série apresentou pontos que seriam importantes para o desenvolvimento de uma maturidade sexual em jovens.

Podemos dizer ainda que, de acordo com as respostas discursivas que obtivemos nessa pergunta “Você aprendeu algo de novo com a série? O que?”, muitos dos entrevistados afirmaram que entenderam a importância do sexo deixar de ser um tabu e das vantagens disso acontecer, já que *“muita coisa que podemos achar anormal na verdade é mais comum do que parece, porém não era algo dito abertamente”*, desta forma, a discussão e o diálogo possibilitam aos jovens entender que seus medos e dúvidas são compartilhados por muitos e podem, em conjunto, ser esclarecidos.

A Educação Sexual também é abordada como essencial para que os jovens tenham um desenvolvimento saudável sobre a questão, até mesmo antes de dar início à sua vida sexual: *“Pude ter noção de como as questões sexuais, principalmente para adolescentes, devem ser conversadas e ensinadas tanto em casa, quanto na escola, até mesmo antes do início da vida sexual”*, diz uma resposta. Uma outra complementa, apresentando o importantíssimo papel

das escolas nesta fase da vida: *“O fato que falta instruções mais apropriadas e eficazes nas escolas, por parte da própria instituição, para normalizar a fala dos jovens, e realmente fornecer informações importantes a eles.”*

Doenças como o vaginismo também foram respostas recorrentes, o que mostra que, tanto homens quanto mulheres desconhecem ~~de~~ reações que os corpos podem apresentar, frente a uma situação para a qual não se está preparado ou que carrega um peso social demasiado grande, além da abordagem psicológica sobre a questão: *“Me chamou a atenção o conceito da terapia sexual, que trabalha não apenas a mecânica do sexo mas os problemas que estão por trás das nossas relações”*.

Por fim, embora muitos tenham afirmado que não aprenderam nada de novo após assistir a série *Sex Education* (2019), apreciaram a forma como os temas foram tratados no contexto da mesma, reforçando que gostariam de ter esse tipo de contato antes *“gostei muito do que poderia ter aprendido na adolescência”*. Além de colocar sob os holofotes a necessidade de se falar mais abertamente sobre as relações sexuais e os tabus que a circundam, a série traz formas de fazê-lo: *“aprendi novas formas educativas de abordar o sexo e suas linguagens”*.

## 5.2 ANÁLISE DA SEÇÃO “ÍNICIO DA VIDA SEXUAL”

Esta seção, composta por 4 questões, foi pensada a fim de analisar pontos referente à primeira hipótese específica, no que diz respeito à influência negativa de amigos e familiares no início da vida sexual. Nenhuma das perguntas era obrigatória.

Diferentemente da crença do grupo, ao serem questionados sobre a influência que as interações com familiares ou com amigos tiveram para iniciar/evitar sua vida sexual, a resposta majoritária dos entrevistados, correspondente a 44% (220 de 500 respostas), indica que sim, houve influência, mas que esta se deu de maneira positiva. Este dado pode estar relacionado à uma gradual transformação existente na sociedade, onde a crescente percepção da importância de temas que tangem o desenvolvimento sexual está cada vez mais presente. No entanto, os entrevistados, ao serem perguntados se aprenderam algo de novo com a série, pontuaram a necessidade de espaço, e não do sufocamento dos pais: *“Sim. A importância da*

*questão familiar no crescimento e na criação das experiências na fase da adolescência e o fato de saber lidar sem interferir diretamente ou invadir a privacidade da vida do jovem.”*

Já quando perguntados sobre se identificarem com o enredo de algum personagem, quanto a alguma dificuldade sexual pela qual este tenha passado, as respostas, que poderiam ser dadas de 0 a 5, sendo zero nenhuma identificação e 5 muita identificação, se mostraram bem equilibradas, girando entre 15% e 20%, sendo que a maior, 22,3 % (104 de 466 respostas) seria a de número 3.

Dessa forma, embora metade dos entrevistados tenha feito alguma relação de sua vida com a trama dos personagens da série, a outra metade não conseguiu se colocar no lugar dos mesmos. Isso pode se dar tanto pela pluralidade de situações vivenciadas na adolescência, de forma que a série não consegue captar e representá-las em sua totalidade, quanto levando em consideração os dados acima, segundo os quais a influência de amigos e familiares é sentida positivamente por grande parte dos entrevistados, de forma que a identificação com a série, que busca representar um lado mais negativo dessas relações, se torna mais diluída.

Tanto positiva quanto negativa, as influências dos amigos e familiares é uma presença constante em nossas relações. Mas este tema muito raramente é foco de uma reflexão mais aprofundada, passando, muitas vezes, de forma despercebida. Isto é refletido pelo fato de que 66,9% dos entrevistados (291 de 435 respostas) afirmarem que a série os ajudou a refletir sobre as diversas influências que existem com relação ao início da vida sexual. A falta de consciência sobre o assunto pode ser encarado como enraizamento das opiniões alheias em nossas relações. É tão comumente aceito que pessoas de fora se envolvam em questões íntimas que raramente se percebe o que está acontecendo, e que nossas decisões não são, totalmente, nossas.

Por fim, ao serem questionados sobre o quanto acreditam que a série pode melhorar a qualidade da discussão com amigos e familiares sobre o início da vida sexual, as respostas, que poderiam ser de 1 a 5, sendo 1 pouca melhoria e 5 muita melhoria, se mostraram muito positivas. Das 442 respostas, 158 (35,7%) marcaram a opção 4, sendo a segunda opção mais selecionada a de número 5, com 127 respostas (28,7%). Estes dados, por mais que reforcem a ideia de que a série é uma boa fonte informacional sobre Educação Sexual, vai contra a

hipótese geral do grupo, já que demonstram que a opinião dos entrevistados é majoritariamente de que esse tipo de série pode sim melhorar o diálogo no ambiente familiar.

### 5.3 ANÁLISE DA SEÇÃO “PARA PESSOAS DO SEXO FEMININO OU QUE SE IDENTIFIQUEM COMO”

Esta seção é direcionada à análise de quatro perguntas relacionadas a segunda hipótese específica, a hipótese de que a série *Sex Education* (2019) trata de forma adequada questões pertinentes à sexualidade da mulher e fomenta discussões congruentes sobre o assunto entre jovens. Esta parte do questionário foi destinada exclusivamente a resposta de pessoas do sexo feminino ou que identificam como e que assistiram a série.

Na primeira pergunta dissertativa referente a “Você descobriu alguma coisa nova relacionada à sexualidade feminina?” as respostas obtidas no questionário podem ser divididas em duas vertentes com aproximadamente o mesmo número de respostas, uma vertente que afirmou não ter aprendido nada de novo na série e outra vertente que afirmou ter aprendido novos pontos sobre a sexualidade feminina com ela. Nesta segunda parcela, as respostas foram muito variadas apresentando temáticas como vaginismo, a importância da mulher sentir prazer, masturbação feminina, autoconhecimento e autoaceitação, questões sobre o aborto, sororidade, relações lésbicas, medos, inseguranças e pressões sociais, entre outras.

Na outra pergunta de alternativa referente a se “a série mudou a sua percepção sobre a sexualidade feminina” os resultados confirmam a análise da primeira pergunta, sendo que 47,1% responderam que não, 32,1% parcialmente e 20,9 % sim, demonstrando mais uma vez que a opinião dos espectadores quanto à série é bem equilibrada entre aqueles que aprenderam algo e aqueles que não aprenderam.

Quando questionados especificamente quanto à abordagem da masturbação feminina na série, o retorno foi muito positivo. As respostas, que poderiam ser de 1 a 5 - sendo 5 totalmente pertinente e 1 nada pertinente -, deveriam avaliar o quão adequada foi a abordagem, e então, das 371 respostas, 167 (45%) marcaram a opção 5 e 113 (30,5%) marcaram a opção de número 4, restando apenas 91 (24,5%) das respostas marcadas nas opções abaixo de 3.

Dessa forma, as espectadoras se mostraram bem satisfeitas com a forma que o tema tabu foi tratado na série.

Na última questão, referente à abordagem da série sobre o aborto, as respostas foram positivas, assim como na questão anterior. As respostas, de 1 a 5, deveriam avaliar o quão adequada foi a abordagem, e então, das 371 respostas, 217 (58,5%) marcaram a opção 5, 73 (19,7%) marcaram a opção 4, restando apenas 81 (21,8%) das respostas marcadas nas opções abaixo de 3. Assim sendo, é possível concluir que a série obteve uma boa responsividade no que se diz respeito a forma que abordou ambos os temas polêmicos relacionados a sexualidade feminina.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das pesquisas teóricas, a bibliografia levantada apresentou a própria ideia de juventude como construção social baseada na impulsividade e no consumo, estando muito relacionada aos aspectos midiáticos que representam os adolescentes e a sua iniciação sexual de forma constantemente estereotipada e superficial, associando-os a um *ethos* juvenil de liberdade e inconseqüência e muito baseada em questões de gênero, preconceitos e ideias anacrônicas.

Apesar disso, a série *Sex Education* (2019) se coloca na contramão desta tendência ao representar a sexualidade juvenil de forma complexa e profunda. Isso se dá pela apresentação de uma rica variedade de personagens, com experiências, vivências e culturas diferentes, contribuindo para a construção de uma narrativa diversa, que interpreta não somente as influências e relações pertinentes à sexualidade, mas também demonstra as pressões sociais sofridas em uma vastidão de ambientes e estruturas sociais, muito baseadas em preceitos conservadores e machistas. Assim, a série apresenta o serviço de levantar ideias, disseminar informações e apresentar relações sociais referentes à sexualidade de forma adequada e condizente com a bibliografia, mas que também, a extrapola ao apresentar subversões.

Tem-se, com isso, um produto midiático de educação sexual válido, que, como o demonstrado pelo questionário, trata de temas referentes a relações sexuais de forma acessível, aberta e relevante, e chega até mesmo a contradizer parte da hipótese geral do

artigo, no que diz respeito à contribuição para a geração de diálogo no ambiente familiar, apesar de não abarcar a totalidade dos entrevistados, mas uma parcela significativa. Mesmo que como dito na hipótese, tais diálogos ainda estejam relacionados com a quebra de tabus da sociedade, há uma parcela muito significativa que não discute a série com ninguém, comprovando que a plataforma individualiza as pessoas e as experiências.

Além disso, a partir de uma análise aprofundada, nega-se a hipótese de que a convivência com os amigos e as relações familiares podem influenciar negativamente o início da vida sexual dos jovens, já que, embora quase metade dos entrevistados tenha reconhecido tal influência, a classificou como positiva. Por fim, embora a série não fomente discussões entre os jovens em relação a sexualidade feminina, visto que o tema ainda é considerado tabu por grande parte da sociedade, ela trouxe abordagens muito positivas sobre a temática, possibilitando que parte da audiência conhecesse melhor as suas dimensões, tirando dúvidas.

Ao final deste artigo, o grupo entende que a receptividade da série *Sex Education* (2019) demonstra que a mesma cumpre não só um papel inicial, como fonte de entretenimento, mas também busca extrapolá-lo, servindo como um canal de informação e de educação para o público jovem. Este meio pode então passar a ser entendido como uma porta para a ampliação do diálogo sobre temáticas controversas, tanto com os pais quanto com a sociedade geral. A educação sexual é essencial para o desenvolvimento saudável dos jovens, sendo necessário que a encaremos como uma pauta que deve, continuamente, ser centro de discussões e debates.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

BORGES, Ana Luiza Vilela. Pressão social do grupo de pares na iniciação sexual de adolescentes. *In: ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Revista da escola de enfermagem USP*. São Paulo, 2007, v. 41, p. 782-786.

BRASIL. **Decreto de Lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em: 20 de jun. 2019.

BRÊTAS, José Roberto da Silva *et al.* Aspectos da Sexualidade na Adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**. São Paulo, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e Sexualidade**. UNESCO. Brasília, 2004.

COSTA, Glicia Neves da. **Orgasmo Feminino: Conhecer para ter**. Monografia (Programa de pós-graduação lato sensu em sexualidade humana) – UCAM. Tocantins, 2013.

CUNHA, Vânia Teresa Grasina da. **A Masturbação Feminina: abordagem de um tabu**. Dissertação (Programa de mestrado em psicologia) – ISPA. Lisboa, 2008.

DANTAS, Sílvia Góis. **Gerações femininas em (re)construção: o discurso da série televisiva 3 Teresas**. Tese (Programa de pós-graduação em ciências da comunicação) – USP. São Paulo, 2018.

DIAMANTINO, E. M. V. *et al.* **Aspectos básicos da sexualidade humana na parte clínica: Parte I. Femina**, v. 21, n. 10, p. 1016-1029, 1993.

FACIO, Alda. **La educacion sexual como instrumento de cambio social**. *Mujer/Fempres*, Santiago, n. 98, p. 6, 1989.

FÉLIX, Andressa. **O debate sobre a (des)criminalização do aborto e suas implicações para a saúde pública no Brasil**. Tese (Programa de pós-graduação em gestão pública) - UFES. Vitória, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/jspui/handle/10/10851>. Acesso em: 22 jun. 2019

FERNANDES, Marcella . Aborto no Brasil: Como os números sobre abortos legais e clandestinos contribuem no debate da descriminalização. **Huffpost Brasil**, 31 jul. 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/31/aborto-no-brasil-como-os-numeros-sobre-abortos-legais-e-clandestinos-contribuem-no-debate-da-descriminalizacao\\_a\\_23486575/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/31/aborto-no-brasil-como-os-numeros-sobre-abortos-legais-e-clandestinos-contribuem-no-debate-da-descriminalizacao_a_23486575/)

FERRARI, A. Pra que time ele joga? Cultura visual e educação: contribuições para o trabalho com as homossexualidades. *In: ROSA, C. S. et al. (orgs.). XV seminário acadêmico APEC América Latina: diálogos posibles*. Barcelona, p. 173-180, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, W. A. *et al.* Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.

GOMES, A. P. **Manifestações da sexualidade no comportamento dos adolescentes e a influência da mídia.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/445-4.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

GOZZO, T. O. *et al.* Sexualidade feminina: compreendendo o seu significado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** v. 8, n. 3, p. 84-90, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n3/12403>. Acesso em 20 de junho de 2019.

HITE, Shere. **O Relatório Hite: Um Profundo Estudo Sobre a Sexualidade Feminina.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand; 1992.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar: Revista de debates mandato vereador Arnaldo Godoy (PT)**, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 44-55, 2007.

MIGUEL, R. B. P.; TONELI, M. J. F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 285-293, 2007.

MULLER, Laura. **Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos.** 1. ed. São Paulo: Globo, 2009.

ONDE a Netflix está disponível? **Netflix**, 2019. Disponível em: <<https://help.netflix.com/pt/node/14164>>. Acesso em 21 de jun. de 2019.

RABELLO, Sylvia Helena dos Santos; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade; TEIXEIRA, Filomena. Os artefatos dos media na educação em sexualidade. **Revista Exedra**, n. 6, 2012.

REICH, Wilhelm; ALZON, Claude. **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura.** São Paulo: Martins Fontes, s.d.

REIS, Martha; RAMIRO, Lúcia; MATOS, Margarida Gaspar de. Jovens e Sexualidade. *In*: MATOS, M. G. *et al.* (orgs.). **Aventura Social: Promoção de Competências e do Capital Social para um Empreendedorismo com Saúde na Escola e na Comunidade.** Lisboa: Placebo, 2012. p. 244-259.

SEX Education. Direção: Laurie Nunn. Produção: Jon Jennings. [S. l.]: **Netflix**, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80197526>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaína Franscisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006.

SOUZA, C. M. C. **A cultura de consumo no seriado skins: a construção da identidade cultural do jovem.** Monografia (Conclusão de curso em comunicação social) – UNIPAMPA. Rio Grande do Sul, 2014.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TANAKA, Leticia. **Criminalização do aborto continua colocando a vida das mulheres em risco.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/criminalizacao-do-aborto-continua-colocando-a-vida-das-mulheres-em-risco/>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 17, n. 3, p. 417-426, jul.-set. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71417304>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

VIEIRA L. H. C. N. Articulando Gênero, Sexualidade e Subjetividade. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 15, n. 21, p. 71-90, 1997.

WAKKA, Wagner. Netflix bate marca de 137 milhões de assinantes e receita de US\$ 11,3 bi no ano. **CanalTech**, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/resultados-financeiros/netflix-bate-marca-de-137-milhoes-de-assinantes-e-receita-de-us-113-bi-no-ano-124914/>>. Acesso em 21 de jun. de 2019.